

# ALÉM DAS FRONTEIRAS: HAITIANOS E A EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA DURANTE O PROCESSO MIGRATÓRIO

BEYOND BORDERS: HAITIANS AND EXPOSURE TO VIOLENCE DURING THE MIGRATION PROCESS

MÁS ALLÁ DE LAS FRONTERAS: LOS HAITIANOS Y LA EXPOSICIÓN A LA VIOLENCIA DURANTE EL PROCESO MIGRATORIO

## Bruna Adames

● Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE. Pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas (NEMPsiC), no qual integra o Grupo de Pesquisa Psicologia, Cultura e Saúde Mental, nas linhas de pesquisa Violência e Trauma. Membro da Equipe de recherche en partenariat sur la diversité culturelle et l'immigration dans la région de Québec (ÉDIQ).

● E-mail: : brunaadames.psicologia@gmail.com

## Lucienne Martins Borges

● Professora da École de travail social et de criminologie da Université Laval (Québec, Canadá) e Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Integrante da equipe de pesquisa ÉDIQ – Équipe de recherche en partenariat sur la diversité culturelle et l'immigration dans la région de Québec (Canadá) e colaboradora do Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas (NEMPsiC/UFSC). Doutora em Psicologia (Ph.D., Université du Québec à Trois-Rivières – Canadá), possui graduação em Psicologia pela Universidade Católica de Goiás (1991), mestrado em Estudos Literários – Université du Québec, Canadá (1996) e mestrado em Psicologia – Université Laval, Canadá (2000). Co-fundadora do Service d'Aide Psychologique Spécialisée aux Immigrants et Réfugiés (Université Laval/CIUSSS-CN, Québec, Canadá).

● E-mail: lucienne.martins-borges@tsc.ulaval.ca

## RESUMO

A migração, especialmente em contextos involuntários, provoca transformações significativas e pode expor indivíduos a múltiplas formas de violência, resultando em sofrimento psíquico. Este estudo visa identificar e explorar as violências enfrentadas por imigrantes haitianos no Vale do Itajaí/SC. Utilizando uma abordagem qualitativa e exploratória, foram realizadas entrevistas semiestruturadas para a coleta de dados. A análise de conteúdo das narrativas, fundamentada na psicanálise e etnopsiquiatria, revelou que os haitianos sofreram violência racial, xenofobia, violência de gênero, violência conjugal e violência do Estado. Os achados oferecem uma compreensão do impacto da violência na saúde mental desses imigrantes, ressaltando a urgência de políticas públicas culturalmente sensíveis que enfrentem essas questões.

**Palavras-chave:** Violência; Imigração; Migração Involuntária; Haiti.

## ABSTRACT

Migration, especially in involuntary contexts, causes significant transformations and can expose individuals to multiple forms of violence, resulting in psychological suffering. This study aims to identify and explore the violence faced by Haitian immigrants in Vale do Itajaí/SC. Using a qualitative and exploratory approach, semi-structured interviews were conducted to collect data. The content analysis of the narratives, based on psychoanalysis and ethnopsychiatry, revealed that the Haitians suffered racial violence, xenophobia, gender violence, conjugal violence and state violence. The findings offer an understanding of the impact of violence on the mental health of these immigrants, highlighting the urgency of culturally sensitive public policies to tackle these issues.

**Keywords:** Violence; Immigration; Involuntary Migration; Haiti.

## RESUMEN

La migración, especialmente en contextos involuntarios, provoca transformaciones significativas y puede exponer a los individuos a múltiples formas de violencia, lo que resulta en sufrimiento psicológico. Este estudio pretende identificar y explorar la violencia a la que se enfrentan los inmigrantes haitianos en Vale do Itajaí/SC. Utilizando un enfoque cualitativo y exploratorio, se realizaron entrevistas semiestructuradas para recopilar datos. El análisis de contenido de las narrativas, basado en el psicoanálisis y la etnopsiquiatria, reveló que los haitianos sufrieron violencia racial, xenofobia, violencia de género, violencia conyugal y violencia estatal. Las conclusiones permiten comprender el impacto de la violencia en la salud mental de estos inmigrantes y subrayan la urgencia de políticas públicas culturalmente sensibles para abordar estos problemas.

**Palabras clave:** Violencia; Inmigración; Migración Involuntaria; Haiti.

## INTRODUÇÃO

O fenômeno da migração pode ser descrito como a mudança geográfica de uma pessoa por um período variável, apresentando diferentes tipos e motivos para ocorrer (Martins-Borges, 2013). A pessoa que decide deixar seu país natal em direção a outro enfrenta um processo de transformação em busca de seus objetivos de vida, muitas vezes como resultado de uma escolha forçada devido a conflitos políticos, sociais e étnicos ou desastres naturais em escala global (Martins-Borges, 2013; Queiroz, 2020). Entretanto, a migração em si não indica necessariamente vulnerabilidade, pois seus efeitos são influenciados por diversos fatores, como o tipo de migração realizada, os recursos psicológicos e sociais de cada imigrante e as políticas e condições encontradas (Martins-Borges, 2013).

As migrações podem ser voluntárias ou involuntárias. As voluntárias referem-se a decisões motivadas por desejos pessoais, como educação, emprego, clima ou reunificação familiar. Por outro lado, as migrações involuntárias ou forçadas, como no caso dos refugiados, são impulsionadas pela busca de proteção para si ou para seus familiares, devido à impossibilidade de permanecer em seus países de origem em razão de guerras, conflitos ou desastres naturais (Martins-Borges, 2013).

Estudos apontam os efeitos da exposição às violências vivenciadas em situações de imigração, tanto voluntária quanto involuntária (Ben-farhat *et al.*, 2018; Rodrigues, Cavalcante; Faerstein, 2020). Embora a condição migratória involuntária seja um fator de risco agravante para a vulnerabilidade psíquica, as violências estão presentes na relação entre o sujeito e o laço social. Violências de gênero, intrafamiliar, sexual e racial podem ocorrer independentemente do processo de migração, tornando os imigrantes voluntários igualmente suscetíveis a essas situações.

Neste estudo, ao considerar a nacionalidade dos participantes, abordamos exclusivamente a categoria de imigração involuntária. Essa escolha reflete o contexto sociopolítico do Haiti, onde muitos enfrentam instabilidade, violência e desastres naturais, levando-os a deixar o país em busca de segurança e melhores oportunidades no Brasil (Moraes, Andrade; Mattos, 2013). Os participantes reconhecem essa migração como involuntária, ressaltando que sua saída do Haiti foi motivada pela

necessidade de garantir a continuidade de suas vidas.

É importante destacar que o objetivo deste estudo não é hierarquizar o sofrimento psíquico, mensurando a dor com base apenas na forma de deslocamento. A especificidade do deslocamento dos haitianos se caracteriza por ser uma migração necessária, impulsionada pelas condições adversas do país. Ao abordarmos o fenômeno pela perspectiva da imigração involuntária, consideramos as repercussões psíquicas que essa migração pode acarretar (Barros; Martins-Borges, 2018).

A Organização Mundial da Saúde (Krug *et al.*, 2002) categoriza a violência em três tipos: 1) violência coletiva, que se refere a atos violentos em contextos macrosociais, econômicos e políticos, envolvendo a dominação de grupos ou do Estado; 2) violência autoinfligida, que inclui ideação, planejamento e tentativa de suicídio; 3) violência comunitária e violência familiar, englobando ações realizadas por parceiros íntimos, abuso infantil, abuso contra idosos, violência sexual e outras agressões em ambientes comunitários ou familiares. Além disso, há a violência estrutural, que não é episódica e está inscrita na estrutura social, relacionada à não garantia de direitos humanos, cuja diversidade de efeitos psíquicos é extensa (Cano, 2007).

Nathan (1994) discute que atos de violência, quando organizados, são intencionais e produzem efeitos transformadores na identidade, pois rompem laços permanentes sustentados por elementos psíquicos e universos referenciais. Assim, o imigrante exposto à violência enfrenta uma ameaça de despersonalização, decorrente da possibilidade de desculturação. Este processo refere-se à perda de referências culturais, tradições e identidade, levando a dificuldades de adaptação em novos ambientes e exacerbando a alienação e perda de identidade (Martins-Borges; Pocreau, 2009a).

A psicanálise possibilita reflexões sobre as consequências psíquicas desse fenômeno, considerando a interação entre o indivíduo e seu contexto social. Enfatiza-se a importância de estudar a violência de forma ampla, respeitando a diversidade de experiências, incluindo grupos marginalizados (Silva-júnior; Besset, 2010). O imigrante se insere em uma nova cultura e se depara com o desconhecido, um processo que pode gerar dificuldades relacionadas ao luto e ao desamparo. A capacidade do ser humano de lidar com conflitos psíquicos envolve sua subjetividade. Portanto, a

exposição à violência não configura, por si só, uma vulnerabilidade psíquica. Martins-Borges e Pocreau (2009a) discutem as manifestações do sofrimento por meio do que chamam de “imunidade psicológica”; essa não significa que alguns imigrantes sejam “imunes” a tais experiências.

A imunidade psicológica refere-se à capacidade do imigrante de sustentar sua existência, devido a fatores protetivos relacionados à sua identidade, mesmo após vivenciar situações violentas (Martins-Borges; Pocreau, 2009b). Essa capacidade está ligada à forma como o ser humano atribui sentido à vida, por meio de projetos futuros e vínculos sociais (Martins-Borges; Pocreau, 2009a).

Por fim, este estudo não visa aludir às violências como oriundas “do” processo migratório, mas sim “no” processo migratório, pois se sabe que a compreensão das violências nesse percurso é complexa e multifatorial. O processo migratório pode abrir novas possibilidades para a pessoa, como aquela que se reconhece em uma cultura e nas características que a integram. A partir dessa junção, pode haver a possibilidade de novos arranjos e relações consigo mesma e com os outros, assim como pode gerar vulnerabilidade em decorrência da desorganização psíquica ocasionada pela ausência de referências culturais e de redes sociais (Martins-Borges, 2013; Moro, 2012).

Tendo em vista que este estudo se refere aos imigrantes haitianos, cabe apresentar aspectos relacionados à história do Haiti, sua cultura e elementos socioeconômicos e políticos. O Haiti, caracterizado por uma população majoritariamente descendente de africanos, foi a primeira colônia nas Américas a alcançar a independência e abolir a escravidão (Pimentel; Cotinguiba, 2012). O país, localizado nas Grandes Antilhas, compartilha a ilha da Hispaniola com a República Dominicana. A partir de 1804, uma revolução deu início a desafios sociais, econômicos e políticos, resultando em regimes ditatoriais, corrupção e desastres naturais.

Após o terremoto de 2010, que resultou em mais de 220 mil mortes e afetou milhões, as relações socioeconômicas e sociopolíticas do Haiti se tornaram insustentáveis, contribuindo para uma onda de migração. A destruição da infraestrutura intensificou a pobreza, tornando o Haiti o mais pobre do Caribe e das Américas (Moraes; Andrade; Mattos, 2013). Muitos haitianos deixaram sua terra natal, buscando

refúgio no Brasil, onde a entrada se dava via aérea por países como Peru, Equador e República Dominicana, seguindo de deslocamentos para os estados do Acre e Amazonas. Barros e Martins-Borges (2018) ressaltam que, ao vivenciarem os horrores do terremoto, muitos haitianos entenderam que permanecer no país era inviável. Contudo, essa migração para o Brasil não garante automaticamente melhores condições de vida, sendo essencial reconhecer que a trajetória migratória dos haitianos é um fenômeno complexo, marcado por fatores sociais e políticos.

No processo migratório, o indivíduo se depara com culturas distintas e, ao confrontar a diferença, pode enfrentar dificuldades e sofrimento na dimensão psicossocial (Martins-Borges, 2013). Uma pesquisa na literatura revelou diversas formas de violência, tanto física quanto simbólica, vivenciadas por imigrantes e refugiados (Pereira; Antônio, 2017; Rodrigues; Cavalcante; Faerstein, 2020; Vargem; Malomalo, 2015). A psicanálise e a etnopsiquiatria são abordagens teóricas que permitem a compreensão das violências e suas inter-relações.

A etnopsiquiatria combina conhecimentos da psicanálise e da antropologia, buscando complementaridades. Parte-se do pressuposto da universalidade psíquica, reconhecendo a importância dos elementos culturais ao se debruçar sobre o sofrimento psíquico. A clínica psicanalítica e etnopsiquiátrica se apresenta como um espaço essencial para acolhimento e compreensão das experiências subjetivas dos imigrantes haitianos expostos a violências, permitindo a exploração de conflitos internos e a importância das referências sociais na saúde mental. Assim, a clínica vai além do tratamento de sintomas e busca entender as narrativas que os imigrantes atribuem às suas vivências, promovendo reflexão e reconstrução identitária essenciais para seu bem-estar na nova realidade.

Assim, a pesquisa sobre as nuances das violências no processo migratório, mediada pela interlocução entre psicanálise e etnopsiquiatria, se fundamenta na compreensão de que o indivíduo está inserido em um laço social e que o sofrimento é uma condição universal. Contudo, sua estruturação e modos de manejo são influenciados por aspectos culturais (Martins-Borges *et al.*, 2019). Ambas as vertentes contribuem para o objetivo deste estudo, que consiste em identificar e explorar as violências vivenciadas por imigrantes haitianos residentes no Vale do Itajaí/SC.

## MÉTODO

### *Participantes*

Neste estudo, a escolha dos participantes se deu por meio de um método de conveniência, que é uma abordagem utilizada em pesquisa em que os participantes são selecionados com base na facilidade e disponibilidade de acesso. Essa estratégia permite coletar dados de forma eficiente, especialmente em populações específicas. Os critérios de inclusão foram: a) imigrantes haitianos residentes no Vale do Itajaí/SC; b) maiores de 18 anos; c) com habilidades satisfatórias na língua portuguesa; e d) disponíveis para participar de entrevistas. Foram realizadas 20 entrevistas, envolvendo 10 mulheres e 10 homens.

A abordagem por meio da técnica de bola de neve foi adotada, uma vez que essa metodologia é especialmente adequada para entrar em contato com grupos que apresentam dificuldades para serem acessados. No caso dos imigrantes haitianos, essa dificuldade deriva, entre outros fatores, da barreira linguística, das experiências traumáticas relacionadas à migração e da inserção em contextos sociais muitas vezes discriminados. Essas questões podem dificultar tanto o acesso quanto a disposição dos indivíduos em participar de pesquisas.

Este estudo é parte do macroprojeto “Dimensões Psicossociais do Acolhimento de Imigrantes e Refugiados em Santa Catarina” (2020-2024), do Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas (NEMPsiC). A pesquisa foi aprovada sob o Protocolo 35720920.9.0000.0121.

## INSTRUMENTOS

O roteiro elaborado para a entrevista semiestruturada contém 31 perguntas, divididas em cinco categorias, e foi elaborado com base em estudos sobre migração e nos objetivos da pesquisa. O formulário contém 40 questões essenciais para a caracterização sociodemográfica, distribuídas em seis categorias: Dados pessoais, Escolaridade, Ocupação, Renda, Moradia, Utilização do SUS e do SUAS, Religião, Língua e Dados sobre a imigração.

## PROCEDIMENTOS

### *Coletas de dados*

Foi realizado um primeiro encontro com os participantes por meio de contato presencial ou telefônico. Inicialmente, eles foram abordados no bairro em que residem, onde receberam informações resumidas sobre a pesquisa e foram verificados os critérios de inclusão. Após concordarem em participar, um segundo encontro foi agendado para explicar os objetivos da pesquisa. O local foi escolhido com base nas preferências dos participantes, com a maioria dos encontros ocorrendo em suas próprias residências (16), seguidos por residências de amigos ou familiares (4). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado em português e na língua primária do participante, com esclarecimento de dúvidas quando necessário. Com o consentimento obtido por meio da assinatura do TCLE, os instrumentos foram aplicados em dois encontros, ajustando-se aos horários dos participantes para evitar dificuldades e desconforto. A coleta de dados foi realizada em 2022, individualmente, em local previamente acordado com cada participante, com duração média de 90 minutos.

### *Análise de dados*

As entrevistas e outras narrativas coletadas foram analisadas usando a análise de conteúdo categorial proposta por Bardin (2011), ocorrendo em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Os materiais foram inicialmente lidos para compreender suas principais ideias e significados. As unidades de análise englobaram palavras, frases, parágrafos ou textos alinhados aos objetivos da pesquisa e aos pressupostos teóricos.

O software Atlas.ti (2023) foi empregado para facilitar a análise qualitativa dos dados, permitindo codificação, gerenciamento de informações e categorização das narrativas. Na etapa de pré-análise, os materiais foram inicialmente lidos para identificar suas principais ideias e significados. Essa leitura preliminar permitiu uma compreensão contextual das narrativas, ajudando a formular hipóteses e definir as

categorias de análise. A exploração do material consistiu em uma análise mais detalhada, na qual as unidades de análise foram estabelecidas. A categorização emergiu das respostas dos participantes, permitindo a identificação de tendências e padrões significativos nas narrativas.

Por fim, na etapa de tratamento dos resultados, o software Atlas.ti (2023) foi utilizado para facilitar a análise qualitativa dos dados. Esse software oferece ferramentas para codificação, gerenciamento de informações e categorização das narrativas, permitindo uma organização mais eficiente dos dados coletados e possibilitando a realização de interpretações mais profundas e informadas.

## 1. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do conteúdo das narrativas obtidas por meio das entrevistas semiestruturadas resultou na categoria intitulada “Exposição à violência no percurso migratório”, cujo objetivo é discutir a violência vivenciada pelos participantes no processo migratório. Essa violência é subdividida nas categorias 1.1 Pré-migração e 1.2 Pós-migração, que são apresentadas na Tabela 1, junto com seus respectivos elementos de análise.

Tabela : Categoria: Exposição à violência no percurso migratório

<b>Exposição à violência no percurso migratório</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de análise</b>
	1.1 Pré-migração	1.1.1 Conjugal 1.1.2 Estado
	1.2 Pós-migração	1.2.1 Xenofobia 1.2.2 Racismo 1.2.3 Estado 1.2.4 Gênero 1.2.5 Conjugal

Fonte: elaborada pelas autoras

## 1.1 Pré-migração

Esta subcategoria descreve as violências enfrentadas pelos participantes, especialmente antes de deixar o Haiti. As duas unidades temáticas correspondem às violências 1.1.1 Conjugal e 1.1.2 Estado.

### 1.1.1 Conjugal

Antes da migração, as pessoas enfrentam situações como guerra, perseguições, desastres naturais, perdas de entes queridos e pobreza (Wooding; Petruzziniello, 2013; Yan *et al.*, 2012). Isso é notável no contexto dos fluxos migratórios haitianos, onde os conflitos aumentam a probabilidade de violência, contribuindo para casos de violência contra mulheres, inclusive em relacionamentos conjugais (Wako *et al.*, 2015).

Quando questionadas sobre a violência no âmbito conjugal, as participantes relataram sentimentos de tristeza, mas muitas não viam outra opção além de migrar com seus cônjuges, devido à dependência financeira. Uma participante ilustrou essa situação, dizendo: *“A gente já brigava [referindo-se ao cônjuge], mas depois da situação no Haiti piorar, ele se tornou mais impaciente e quase sempre aconteciam coisas ruins dentro de casa. [...] gritava, batia”* (P10-F)<sup>1</sup>.

Algumas participantes, como a P10-F, mencionaram que a dinâmica conjugal impactava sua experiência como mães. Ela expressou medo de perder a guarda dos filhos caso pedisse a separação: *“Eu ter medo de ficar sem meus filhos, preciso suportar”*<sup>2</sup>. Essas narrativas revelam que as mulheres que sofrem violência frequentemente enfrentam um percurso solitário, conforme indicado na literatura. O medo de retaliação, a vergonha, a dependência financeira e o receio de perder os filhos são fatores que perpetuam a violência conjugal e a não denúncia. Para as mulheres imigrantes, o caminho até a denúncia pode ser ainda mais desafiador (Duarte; Oliveira, 2012).

Observou-se que muitas participantes não estavam inseridas no mercado de trabalho, o que, em grande parte, se deve às condições do Haiti, onde as oportuni-

1 Sigla utilizada para referir-se a: P (participante), 10 (número do participante), F (para classificar participantes mulheres) e M (para classificar participantes homens).

2 Os relatos poderão conter erros gramaticais da língua portuguesa, uma vez que optou-se por preservar e apresentar exatamente as palavras proferidas pelos participantes, visando manter a autenticidade e a originalidade das expressões.

dades para mulheres são escassas. Essa realidade contribui para o aumento do isolamento social e da falta de redes de apoio (Ferreira; Danziato, 2019). A literatura ressalta que quando as mulheres não trabalham fora de casa, a situação pode se agravar, dificultando a construção de conexões sociais além do ambiente familiar. O isolamento as torna menos informadas sobre seus direitos e sobre a legislação que classifica a violência como crime no país de destino. Ademais, caso ela seja subjugada pelo marido, empregador ou pai, é mais provável que suporte em silêncio a violência perpetrada por eles (Buaski, 2021; Duarte; Oliveira, 2012).

É crucial adotar um olhar amplo e sensível em relação às mulheres imigrantes que enfrentam violência, considerando não apenas os aspectos culturais, mas também a interseccionalidade de fatores como raça, gênero, nacionalidade e condições migratórias. Essas dimensões exercem uma influência importante na vida delas e são fundamentais para garantir uma abordagem mais eficaz e inclusiva em relação à violência. Focar apenas nas questões culturais pode limitar a compreensão do problema e desresponsabilizar o Estado pelos apoios e proteções necessários às mulheres imigrantes. Essa perspectiva redutora pode sugerir que as dificuldades das vítimas são meramente culturais, desviando a atenção do papel do Estado em garantir proteção e apoio. Ignorar a interseccionalidade das experiências pode resultar em intervenções inadequadas (Assis, 2018).

Diante disso, é necessário ampliar e fortalecer as políticas sociais para atender às demandas específicas das mulheres imigrantes em situação de violência, garantindo sua proteção e acesso a apoios adequados. É fundamental considerar a complexidade das experiências que elas vivenciam, agindo de forma abrangente e inclusiva para promover igualdade e justiça em relação à raça, nacionalidade e condições migratórias (Duarte; Oliveira, 2012).

Conforme apontado por Fellmeth *et al.* (2015), a violência conjugal envolve riscos para a saúde mental das vítimas, especialmente as mulheres. Durante o processo de imigração, essas adversidades podem se intensificar devido ao estresse gerado por mudanças significativas, muitas vezes já existentes no país de origem. Considerando as condições no Haiti, marcadas por fragilidades políticas, econômicas e sociais agravadas pelo terremoto de 2010, emerge outro tipo de violência mencionado

pelos participantes durante a fase pré-migratória: 1.1.2 Violência do Estado.

### 1.1.2 Violência do Estado

A situação no Haiti após o terremoto de 2010 pode ser entendida como uma forma de violência institucional, intensificada pela crise política e econômica, e frequentemente amplificada por intervenções imperialistas de países como França e Estados Unidos (Fanfan; Rodríguez; Stacciarini, 2023). A incapacidade do Estado haitiano em lidar com questões essenciais — como instabilidade política, desemprego e reconstrução do país — prejudica diretamente a população, tornando-a vulnerável.

Os participantes destacaram desafios relacionados à saúde, como a falta de acesso a serviços de saúde de qualidade, infraestrutura precária e escassez de profissionais. Muitos haitianos enfrentam dificuldades para conseguir atendimento médico adequado; como relatou um entrevistado: *“Tinha que levar no médico filha que tava doente, mas nunca tinha, nem dinheiro e nem médico de qualidade, só quem morava em Porto Príncipe e tinha dinheiro. O Estado? Nunca ajuda”* (P5-M).

Após o terremoto, diversas formas de violência institucional se tornaram mais evidentes, como a ausência de assistência humanitária adequada, corrupção e desvio de recursos destinados à reconstrução. Violações de direitos humanos, como detenções arbitrárias e restrições à liberdade de expressão, também aumentaram. Um entrevistado exemplificou essa realidade ao afirmar: *“É lá não tem SUS, é bem diferente daqui, não tinha dinheiro nem pra escola. [...] antes já era ruim, depois de 2010, ficou ainda pior”* (P7-M). A responsabilização por essas violências deve se estender à comunidade internacional, que não pode ignorar seu papel na crise que afeta profundamente a vida dos haitianos.

Em suma, a instabilidade política e a crise econômica resultam na escassez de acesso a serviços essenciais, como saúde e educação (Hearld *et al.*, 2020; Motizuki *et al.*, 2019). Esses fatores exemplificam a negligência e a violência perpetrada pelas instituições estatais em relação à população haitiana, especialmente após o desastre natural.

Na perspectiva de alguns participantes, os imigrantes frequentemente se deparam com dificuldades e falta de proteção do Estado no próprio país ou durante o deslocamento. Os resultados da pesquisa revelam que os haitianos foram vítimas de violência estatal nas etapas pré e pós-migratórias. Essa forma de violência também será abordada na subcategoria subsequente, correspondente à fase de pós-migração.

## ***1.2 Pós-migração***

Esta subcategoria abordará as violências enfrentadas pelos participantes, mais especificamente após a migração deles para o Brasil. As unidades temáticas de análise desta subcategoria incluem as seguintes formas de violência: 1.2.1 Xenofobia, 1.2.2 Racismo, 1.2.3 Estado, 1.2.4 Gênero e 1.2.5 Conjugal.

### **1.2.1 Xenofobia**

Conforme mencionado anteriormente, a literatura indica um aumento significativo de incidentes em que a violência foi desencadeada por xenofobia contra imigrantes e refugiados. A xenofobia é um termo que tem origem nas palavras gregas “xenos”, que significa estrangeiro, e “phobos”, que significa medo. Assim, a xenofobia refere-se ao medo, à aversão ou à hostilidade em relação a pessoas imigrantes ou de outras culturas (Faustino; Oliveira, 2021). Essa postura discriminatória pode se manifestar de diversas formas, incluindo a exclusão social, agressões verbais ou físicas e a negação dos direitos básicos a pessoas consideradas diferentes ou imigrantes. Trata-se de uma transgressão aos direitos humanos que pode acarretar graves impactos negativos às vítimas, às comunidades e à sociedade em geral (Giroto; Paula; Silva, 2021).

Após chegarem ao Brasil, alguns participantes experienciaram situações que descreveram como difíceis, culminando em emoções como tristeza e raiva, oriundas do comportamento e do olhar do brasileiro em relação ao imigrante: *“só por eu ser haitiana já às vezes fazem... como é mesmo? ahn piadinhas, risadinhas. Isso é muito feio e difícil né? [pausa para o choro] é complicado”* (P4-F). Os relatos corroboram a literatura ao indicar que, em certos casos, os imigrantes interpretam atos de violência

simbólica com teor xenofóbico como piadas ou falta de consideração por parte dos brasileiros (Zortea, 2023). Os imigrantes frequentemente sofrem xenofobia, estigmatização e preconceito nos países que buscam como refúgio (Boeira-Lodette; Martins-Borges, 2020; Silva-Ferreira, 2019). A xenofobia se manifesta como hostilidade e discriminação contra imigrantes, enquanto a estigmatização e o preconceito criam barreiras sociais e dificultam a inclusão (Pérez; Navarrete; Gil, 2003).

No discurso brasileiro, há a percepção de que os imigrantes ocupam espaços dos quais retiram recursos, incluindo benefícios governamentais, acesso ao mercado de trabalho e cuidados médicos (Rodrigues; Cavalcante; Faerstein, 2020). Essa realidade pode ser observada na fala de P7-M, que, ao tornar-se namorado de uma brasileira, sofreu violência por parte do pai dela, que não permitia: “[...]namorar com esse tipo de pessoa, eu fiquei com raiva e então ela disse que o pai perdeu o emprego e culpa as pessoas que vem de fora do país e tomam esse lugar”. Essa narrativa preconceituosa e agressiva acarreta consequências prejudiciais para o imigrante, especialmente para aqueles que migram involuntariamente, inserindo-se em uma cultura diferente sob imposições externas (Costa; Schwinn, 2018).

Dentre os 20 participantes, 12 afirmaram ter sido vítimas de violência associada a serem pessoas que vieram de outro país para morar no Brasil. A maioria relatou consequências negativas dessa experiência, principalmente no ambiente de trabalho, onde ocorrem as primeiras interações mais frequentes com os brasileiros: “ele [referindo-se ao colega de trabalho] sempre me xinga, diz que os haitianos são mal-educados e são burros... mas na verdade ele não sabe quem sou eu [...] e ele diz que eu sou burro porque sou haitiano. Eu me senti humilhado pelo fato de eu ser migrante” (P1-M).

Os locais de trabalho, que poderiam facilitar a integração social e a construção de relações afetivas e redes de apoio, muitas vezes não atendem a essa expectativa quando se trata de funcionários imigrantes. Em vez disso, costumam revelar-se como ambientes hostis. Tais locais frequentemente apresentam condições precárias, falta de higiene e segurança, utilização de ferramentas inadequadas que aumentam os riscos de acidentes e fatalidades, além de desafios de comunicação devido às barreiras linguísticas. O P12-M explica tal conjuntura: “eu acho que até os animais, não podem ser usados como escravos. Não deveria ser - um tipo de trabalho para haitiano e outro

*para brasileiro - todo mundo tinha que trabalhar igual.*

As histórias compartilhadas pelos participantes corroboram a literatura que destaca que, embora o Brasil seja conhecido por acolher refugiados e imigrantes, é essencial ressaltar como a violência no país afeta especialmente esses indivíduos (Motizuki *et al.*, 2019). Essa realidade levanta questionamentos sobre a percepção da sociedade brasileira como acolhedora, evidenciando, às vezes de forma velada, os obstáculos enfrentados pelos imigrantes no acesso ao mercado de trabalho, saúde e educação (Gomes, 2017; Zortea, 2023). Os participantes notam a presença de violência xenofóbica, embora às vezes de forma sutil, nas palavras e atitudes dos brasileiros, mesmo que não seja explícita: *“quando eu falo que era professor as pessoas não acreditam. A situação de violência existe porque até a maneira como alguns brasileiros falam com haitianos muda da forma como os brasileiros falam com brasileiros”* (P5-M).

Os relatos deste estudo, as coberturas midiáticas e a literatura expõem um triste cenário de discriminação e preconceito contra os imigrantes no contexto de acolhimento no Brasil, evidenciando a fragilidade a que essas pessoas estão sujeitas. É preciso ressaltar que, ao se tratar de imigrantes haitianos, a maioria deles é de cor negra. Nesta pesquisa, 19 participantes se autodeclararam negros e 1 de cor parda. Somados a isso, é importante destacar outra forma de violência que ficou evidente nas narrativas dos participantes: 1.2.2 Racismo.

### 1.2.2 Racismo

O racismo pode ser visto como um trauma persistente e ativo na vida das pessoas negras. Esse impacto perdura devido às dificuldades estruturais presentes nos sistemas sociais e políticos, assim como às manifestações cotidianas de exclusão e humilhação. Portanto, o racismo não é uma questão do passado, mas uma realidade contínua que impacta diretamente a vida e a identidade dos sujeitos negros, influenciando suas experiências e relações sociais (Fanon, 1967/2008; Kilomba, 2020). Esse tipo de violência afeta significativamente a vida dos haitianos, levando-os a perceber o racismo presente em suas interações diárias com os brasileiros, conforme observado no relato a seguir: *“o que esse preto tá fazendo aqui, ele não é brasileiro”*, porque o

*preto brasileiro é diferente do preto haitiano, é um preto azulado. Acham que não entendemos que isso é ruim, é violência falar de outra pessoa pela cor. [...] me sinto triste com isso” (P7-M).*

A discriminação racial pode se manifestar em diversos aspectos da vida, como no ambiente de trabalho, na escola e nas interações cotidianas nas ruas (Mattos, 2016). Os relatos dos participantes revelam a dura realidade do racismo no Brasil e evidenciam os impactos negativos que essa discriminação causa em suas vidas e relações sociais: *“ai, um brasileiro me olhou e falou para a moça do caixa, ela pode vir aqui né, só tem uma coisa na mão. E a moça perguntou: “quem?” e ele disse: “aquela preta lá”. Eu me senti mal, porque eu tenho nome e ninguém fala: “aquela branca lá” (P2-F).* Essas narrativas estão em conformidade com a literatura, que, conforme abordado por Tijoux e Ambiado (2023) e Yan *et al.* (2022), evidencia que atos físicos e verbais que resultam em danos físicos ou emocionais motivados pela cor ou raça do indivíduo caracterizam a violência racializada. A manutenção dessa violência contribui para fortalecer as desigualdades sociais, políticas e econômicas, perpetuando hierarquias injustas entre os sujeitos (Nicolas; Thompson, 2019).

No Brasil, diferentemente do que ocorre no Haiti, a questão racial é considerada um dos principais fatores que contribuem para a desigualdade social e econômica no país (Mattos, 2016). Os processos de racialização e o racismo assumem formas diversas conforme o contexto em que se desenvolvem. Nos Estados Unidos, por exemplo, o racismo tende a se concentrar na origem, enquanto no Brasil, embora também relacionado à origem, é mais marcado pelo “racismo de marca” (Nogueira, 2006). O termo “preconceito de marca” é uma reformulação do conceito de “preconceito de cor”, evidenciando como o racismo se manifesta com base na aparência física do indivíduo, como fisionomia, gestos e sotaque. Por outro lado, o “preconceito de origem” se refere à discriminação que ocorre quando é simplesmente suposto que a pessoa é descendente de um determinado grupo étnico, sem necessariamente levar em consideração sua aparência física. Essa distinção ressalta a complexidade e as nuances do racismo, que pode se expressar de diferentes formas, seja pela aparência externa ou por associações étnicas (Nogueira, 2006).

A discussão sobre o racismo envolve questões de diferença, imigração, divisão

entre povos, exploração e poder, revelando-se como uma complexa hierarquização da diversidade humana baseada em valores arbitrários que resultam em desigualdade social. Um elemento observado nas narrativas dos participantes é a referência ao que Srilankês nomeia como xeno-racismo. Esse termo foi criado no início dos anos 2000 pelo romancista do Sri Lanka e, naquela época, diretor emérito do Institute of Race Relations de Londres (Sivanandan, 2018). Ele introduziu esse conceito visando à compreensão das dinâmicas atuais da sociedade capitalista em relação à migração. Nesse contexto, os participantes destacam que a violência que enfrentam está ligada à interseção de sua cor de pele e ao fato de serem imigrantes. Há, portanto, uma conexão entre discriminação racial e sua condição de imigrantes no tratamento que recebem: *“quem é haitiano não sofre um único tipo de violência, é preto, pobre, vindo de um país pior que a favela daqui. [...] um brasileiro comentou com outro: “Esses pretos que vêm de fora, vem só para tomar nossos empregos e dar gasto pro governo”* (P5-M).

Durante a entrevista, os haitianos demonstraram consciência de que o racismo é um fenômeno que atravessa fronteiras e está presente em diversos países. No entanto, conseguiram expressar e identificar que o racismo vivenciado por imigrantes é distinto e merece atenção. Os participantes salientam, portanto, a percepção de que os negros brasileiros enfrentam discriminação; porém, os negros imigrantes sofrem pela cor da pele, além da discriminação referente ao lugar de onde vieram: *“as pessoas discriminam muito, parece que é algo do sangue, que corre nas veias, que por ser preto e estrangeiro eu tenho algo de diferente, eu tenho que correr mais para alcançar algum lugar que o brasileiro tá”* (P6-M).

Considera-se também que tentar agir como os brancos pode resultar em elogios em público, mas críticas quando não estão em sua presença. Essa situação reflete a ideia de que a discriminação está enraizada ao longo das gerações, evidenciando a dificuldade de erradicá-la completamente, dada a sua longa existência. P16-M, por exemplo, traduz em sua fala o quanto o racismo está presente nas gerações. Apesar de haver mudanças para despotencializá-lo, ele ainda persiste de forma violenta e cruel, afetando até mesmo as crianças, neste caso, filhos de imigrantes: *“o pai, lá todos me chamam de macaco pai, e me deram um soco na minha cabeça. Isso se repetiu várias vezes, chamando meus filhos de macacos, isso é muito triste [...] porque é racismo, é crime né?”*.

Além disso, é viável aprofundar a análise dos efeitos do racismo como violência simbólica, que podem emergir mais tarde na forma de sintomas que a própria pessoa pode não correlacionar diretamente com experiências de humilhação, exclusão e discriminação (Silva, 2017). Frequentemente, esses efeitos se manifestam em sintomas que o sujeito afetado pode não associar imediatamente às situações de humilhação, exclusão e discriminação vivenciadas.

A violência do 1.2.3 *Estado* também é experimentada pelos participantes na fase pós-migração.

### 1.2.3 Violência do Estado

Alguns participantes se depararam com a falta de apoio do Estado, especialmente no que tange ao apoio jurídico, psicossocial e ao acesso a serviços básicos, o que não garante as condições essenciais para uma migração segura, tornando-os mais vulneráveis: *“foi muito violento ter de deixar minha família para poder continuar a ter família, porque do jeito que as coisas estavam caminhando eu nem teria mais família se não fosse embora para outro país. [...] acho que é violência de Estado né, de governo”* (P6-M).

Alguns participantes reconheceram a violência perpetrada pelo Estado e conseguiram nomear a violência simbólica. Contudo, a maioria apresentou dificuldades em apontar diretamente para a violência do Estado, e isso parece estar relacionado à comparação com a extrema precariedade do Estado no Haiti, além do temor de ser deportado. Essa conjuntura é explicitada por intermédio de um sofrimento psíquico, conforme descrito pelo P9-F: *“o dinheiro que o estado dá, não dá pra tudo, é pouco sabes, daí como é difícil arranjar trabalho a gente tem que esperar, às vezes com muita fome. [...] mas eu não tô reclamando não, tá? No Haiti era pior”*.

A função do Estado em relação às garantias de qualidade de vida para imigrantes inclui a proteção dos direitos humanos, o acesso a serviços essenciais como saúde, educação e moradia, a promoção da integração social e cultural, além da criação de políticas públicas que visem à inclusão e ao bem-estar desses indivíduos no país de

acolhimento (Calais *et al.*, 2020). O Estado deve assegurar a igualdade de oportunidades, combater a discriminação e respeitar a diversidade cultural, contribuindo para uma convivência harmoniosa e inclusiva entre imigrantes e a população local (Feldman-Bianco, 2015).

Alguns participantes experienciaram a violência estatal através de agentes do Estado, como forças policiais. P13-M relatou ter sido abordado de forma agressiva por um policial: *“á chegou uma polícia e disse: ‘dá documento, dá logo documento’. Á ele viu meu dinheiro e, bem bravo, gritando: e esse dinheiro? É muito dinheiro pra ser salário teu.”* Cabe mencionar que P13 é um homem imigrante, negro e pobre que, ao chegar ao Brasil, trouxe consigo um valor recebido de forma legítima, proveniente de seu trabalho no Haiti. No entanto, foi abordado violentamente por um policial que demonstrou estar inclinado a desconsiderar sua honestidade, cujas falas eram carregadas de estereótipos e preconceitos sociais. Esse cenário intensifica a discriminação que os imigrantes frequentemente enfrentam e levanta questões fundamentais relacionadas à raça, classe social e à discriminação que estão contra eles.

Além disso, algumas participantes expressaram sentir-se prejudicadas pelo Estado por não conseguirem acesso a creches para seus filhos, destacando questões de gênero. Essas mulheres atribuíram essa desigualdade ao fato de serem do sexo feminino, observando que seus cônjuges, por serem homens, não enfrentavam as mesmas dificuldades. Essas condições evidenciam a violência de 1.2.4 Gênero e a importância de discutir esse fenômeno.

#### 1.2.4 Gênero

As políticas de imigração, o acesso ao mercado de trabalho e aos serviços públicos, entre outros fatores, frequentemente geram situações de discriminação contra as mulheres imigrantes. Esse contexto evidencia os desafios específicos enfrentados por esse grupo em relação à sua integração e participação na sociedade de acolhimento (Araújo; Almeida, 2019; Duarte; Oliveira, 2012; Silva-Ferreira; Nascimento; Martins-Borges, 2022). Outras manifestações de preconceito e segregação social, mais associadas a questões de gênero, surgem quando a imigrante interage com o

ambiente, especialmente no contexto profissional: *“homem consegue emprego mais fácil que mulher aqui. Meus amigos haitianos também percebem essa diferença, ainda mais que nós precisamos cuidar dos filhos; às vezes demora muito pra conseguir creche”* (P11-F).

A literatura corrobora que mulheres imigrantes enfrentam desafios para se inserirem no mercado de trabalho ao chegarem ao país de destino. Questões de gênero, particularmente a condição de ser do sexo feminino, geram barreiras adicionais ligadas a responsabilidades maternas, restringindo suas oportunidades de emprego. Empregadores mostram pouco interesse em contratar mulheres grávidas ou com filhos pequenos (Araújo; Almeida, 2019; Nascimento, 2021). A maioria das participantes que experienciou violência de gênero se sentiu ameaçada, o que intensificou sentimentos de medo e resultou em um cenário de isolamento social, dificultando sua integração na sociedade de acolhimento: *“parece que por a gente ser mulher e de outro país ficamos mais presas fáceis. Não entendemos direito a língua, não conseguimos confiar”* (P11-F).

Anteriormente, foram abordadas a xenofobia e a violência racial, e é evidente que as mulheres imigrantes negras enfrentam não apenas a discriminação relacionada à sua raça, mas também a violência de gênero: *“[...] por eu ser imigrante, mulher, preta e mãe de bebê”* (P2-F). Essa interseção de identidades faz com que essas mulheres sejam alvo de formas específicas de opressão, tornando sua experiência de discriminação complexa e multidimensional. A violência de gênero vivenciada por essas mulheres é uma expressão adicional de desigualdade e injustiça, que deve ser reconhecida e combatida de forma eficaz para promover a igualdade e a justiça social (Guilherme; Silva; Nardi, 2019).

Adiciona-se, neste cenário, outra dimensão preocupante, caracterizada por uma grave forma de discriminação baseada na desigualdade de gênero: a violência nas relações de intimidade no contexto migratório (Duarte; Oliveira, 2012; Martuscelli; Novaes, 2015). A expressão “nas relações de intimidade” geralmente se refere a relações próximas e pessoais, como as entre parceiros românticos ou familiares, onde a violência pode ocorrer de maneira preocupante, muitas vezes invisível à sociedade. No entanto, há progresso, uma vez que o elevado índice de frequência dessa forma de

violência tem gerado a elaboração de novas políticas para lidar com esse fenômeno (Ferreira; Danziato, 2019). Isso sugere que, embora a violência contra as mulheres persista, medidas estão sendo adotadas para combatê-la e transformar essa realidade.

### 1.2.5 Conjugal

No contexto desta pesquisa, observou-se que, nos casos em que houve violência 1.2.5 Conjugal, esta se intensificou após a migração: *“às vezes brigamos muito [pausa para o choro] e ele me tranca no quarto, quebra coisas em casa. Mas não tenho o que fazer, né? É muito difícil e as coisas pioraram quando viemos para cá”* (P3-F). Esses testemunhos corroboram as constatações da literatura que destacam o acentuamento das violências em condições de vulnerabilidade no contexto migratório. No estudo de Nascimento (2021), enfatiza-se a presença da violência intrafamiliar e conjugal, tanto antes quanto após a migração. De maneira semelhante a esta pesquisa, observam-se, por meio dos relatos das imigrantes — particularmente daquelas que foram compelidas a migrar — que as condições durante o processo migratório intensificam as emoções negativas e dificultam a resolução de conflitos no âmbito familiar.

A violência nas relações de intimidade está presente em diversas esferas da sociedade. No entanto, é relevante reconhecer que essas diferenças não apenas ampliam o risco de violência contra as mulheres, mas também complicam a busca por assistência e apoio nessas circunstâncias. Ademais, o temor de represálias, a vergonha, a falta de autonomia financeira, o receio de perder a guarda dos filhos e outros fatores contribuem para a continuidade da violência doméstica e a relutância em denunciá-la. Para as mulheres imigrantes, a perspectiva de fazer uma denúncia pode ser ainda mais penosa (Duarte; Oliveira, 2012).

A compreensão das violências enfrentadas pelos haitianos no Brasil, conforme discutido neste contexto, revela a complexidade e a gravidade a que essa comunidade está exposta. A interação de fatores como a situação socioeconômica, a cor da pele, o status de imigração e as questões de gênero resulta em uma conjuntura de elementos violentos que impactam profundamente a vida desses indivíduos. A intensidade e a frequência desses atos violentos evidenciam as barreiras que os haitianos enfrentam

no Brasil, destacando a necessidade urgente de combater esses padrões discriminatórios para promover a dignidade e os direitos humanos desses imigrantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que os haitianos estão sujeitos a violências, independentemente da etapa do processo migratório em que se encontram. Essa realidade pode agravar a vulnerabilidade psíquica e intensificar o sofrimento psicológico, especialmente quando vivenciada por um imigrante que não optou por deixar seu país de origem, como ocorre no caso do imigrante involuntário. Nota-se que os achados estão em conformidade com a literatura existente, que evidenciam os desafios enfrentados pelos imigrantes diante das diversas tipologias de violência e da ineficiência na responsabilidade estatal.

Defende-se que o Estado tem uma responsabilidade central na sociedade; no entanto, esta não deve ser a única. Pelo contrário, é essencial fortalecer e complementar sua atuação por meio da participação ativa da sociedade civil, de agrupamentos sociais e religiosos. Juntos, esses agentes formam uma rede de apoio e colaboração, permitindo uma abordagem mais ampla e eficaz na resolução de problemas e no atendimento das necessidades da comunidade, promovendo, assim, um maior bem-estar coletivo e um desenvolvimento mais equilibrado e sustentável.

As limitações encontradas referem-se à fase de coleta de dados, na qual o acesso aos participantes demandou mais tempo do que o esperado. A falta de confiança dos participantes em uma pessoa até então desconhecida ampliou suas resistências em participar do estudo, refletindo o processo migratório e a posição daqueles que experienciaram violência por parte de pessoas que não imaginavam. A confiança foi, portanto, uma premissa necessária. Assim, encontrar mediadores para as relações entre a pesquisadora e os participantes foi crucial para garantir uma participação voluntária e eficaz.

Ao integrar uma escuta sensível que respeita e valoriza as especificidades culturais e os traumas únicos dessa população, é possível não apenas oferecer um espaço de acolhi-

mento, mas também propiciar a reflexão sobre as experiências vividas e o desenvolvimento de narrativas que favorecem a reconstrução identitária. A psicanálise permite explorar os conflitos internos e os mecanismos de defesa, enquanto a etnopsiquiatria enfatiza a relevância das referências sociais e culturais na recuperação da saúde mental.

Sabendo que o fenômeno da violência acompanha a humanidade e, infelizmente, não há previsão de cessar ou diminuir consideravelmente, aponta-se para a necessidade de construção de políticas públicas que garantam a integração. Isso porque, quanto mais rápida for a integração desse indivíduo nessa nova conjuntura social, maiores serão as chances de ele encontrar recursos para lidar com as situações adversas, incluindo a violência. Reitera-se que, apesar dos avanços nas políticas e intervenções voltadas para imigrantes, levando em consideração as particularidades do processo migratório, ainda existem falhas que precisam ser corrigidas em relação a esses espaços e ao atendimento neles prestado.

Em outras palavras, embora tenha havido progresso em certas áreas, apresentando um olhar culturalmente sensível, ainda existem lacunas que requerem medidas efetivas, sobretudo no que diz respeito ao atendimento às pessoas expostas a violências. Este estudo apresenta elementos relevantes para compreender os aspectos psicológicos dos imigrantes haitianos diante da violência, a partir de suas próprias perspectivas. Dessa forma, constitui-se em um recurso valioso para orientar debates no campo das práticas de saúde, assistência social e políticas públicas de acolhimento e atenção integral, não apenas para essa população específica, mas também para outros imigrantes e refugiados que chegam ao Brasil. Além disso, incentiva a Psicologia a se dedicar à realização de estudos relacionados aos eventos psicológicos que vinculam o fenômeno das migrações e as violências, considerando as diversidades culturais e seu impacto na efetiva inclusão social dos imigrantes em nosso país.

Por fim, como um labirinto de pensamentos e sentimentos entrelaçados, esta análise não se esgota em suas conclusões, mas se desvela como um convite para incursões profundas nos intrincados caminhos da imigração involuntária e da violência. Em cada linha escrita, nas entrelinhas silenciosas dos relatos haitianos, ressoa a inquietante busca por um ancoradouro de pertencimento e acolhimento em uma nova terra, onde a essência de suas raízes possa florescer em integração autêntica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, K. A. de; ALMEIDA, L. P. de. Discutindo gênero e cultura: um estudo sobre mulheres haitianas em Campo Grande-MS, Brasil. **Revista Trayectorias Humanas Trascontinentales**, v. 6, p. 114-130, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.25965/trahs.1916>>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- ASSIS, G. O. Nova Lei de Migração no Brasil: avanços e desafios. In: BAENINGER, R. *et al.* (Eds.). **Migrações Sul-Sul**. Campinas: Nepo/Unicamp, 2018. p. 609-623.
- ATLAS.ti. Versão 11 [Software de computador]. Atlas.ti Scientific Software Development GmbH, 2023. Disponível em: <<https://atlasti.com/>>. Acesso em: 10 set. 2024.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições, 2011.
- BARROS, A. F. O.; MARTINS-BORGES, L. Reconstrução em movimento: impactos do terremoto de 2010 em imigrantes haitianos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003122016>>. Acesso em: 20 out. 2024.
- BEN-FARHAT, J. *et al.* Syrian refugees in Greece: experience with violence, mental health status, and access to information during the journey and while in Greece. **BMC Medicine**, v. 16, n. 1, p. 40, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1186/s12916-018-1028-4>>. Acesso em: 15 ago. 2024.
- BOEIRA-LODETTI, M.; MARTINS-BORGES, L. Processo migratório de refugiados sírios em Florianópolis (Brasil): significações, fatores de risco e de proteção. **Alterstice - Revue Internationale de la Recherche Interculturelle**, v. 9, n. 1, p. 95-106, 2020. Disponível em: <<https://www.journal.psy.ulaval.ca/ojs/index.php/ARIRI/article/view/BoieraLodettiAlterstice9%281%29/pdf>>. Acesso em 15 ago 2023.
- BUASKI, S. **Imigração de mulheres haitianas: um olhar para o caso da reunificação familiar**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco, Paraná, Brasil, 2021.
- CALAIS, B. A. *et al.* A crise dos refugiados venezuelanos e os impactos no Brasil. **Revista Jornal Eletrônico Faculdades Integradas Vianna Júnior**, v. 12, n. 1, p. 157-175, 2020. Disponível em: <<https://jefvj.emnuvens.com.br/jefvj/article/view/735/727>>.

## ALÉM DAS FRONTEIRAS: HAITIANOS E A EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA DURANTE O PROCESSO MIGRATÓRIO

COSTA, M. M. M. da; SCHWINN, S. A. Desafios às políticas públicas no campo da violência de gênero contra mulheres migrantes e refugiadas. **Revista Unisc**, 2017. Disponível em: <<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidsp/article/view/17719/4593>>. Acesso em: 03 out. 2023.

DUARTE, M.; OLIVEIRA, A. Mulheres nas margens: a violência doméstica e as mulheres imigrantes. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, n. 23, p. 223-237, 2012.

FANFAN, D.; RODRÍGUEZ, C.; STACCIARINI, J. M. R. Strès ak Pwoblèm Pap Janm Fini: Deciphering migration-related stress from the perspectives of Haitian immigrants in Florida. **Transcultural Psychiatry**, v. 60, n. 4, p. 717-732, 2023.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. R. Silveira. Salvador: EdUFBA, 2008. (Original publicado em 1967).

FAUSTINO, D. M.; OLIVEIRA, L. M. de. Xenoracismo ou xenofobia racializada? Problematisando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 29, n. 63, p. 193-210, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006312>>. Acesso em: 02 out. 2023.

FELDMAN-BIANCO, B. Apresentação: deslocamentos, desigualdades e violência do estado. **Ciência e Cultura**, v. 67, n. 2, p. 20-24, 2015. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.21800/2317-66602015000200009>>. Acesso em: 12 set. 2024.

FELLMETH, G. *et al.* Pregnant migrant and refugee women's perceptions of mental illness on the Thai-Myanmar border: a qualitative study. **BMC Pregnancy and Childbirth**, v. 15, n. 1, p. 93, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1186/s12884-015-0517-0>>. Acesso em: 01 set. 2024.

FERREIRA, E. S.; DANZIATO, L. J. B. A violência psicológica na mulher sob a luz da psicanálise: um estudo de caso. **Cadernos de Psicanálise (CPRJ)**, v. 41, n. 40, p. 149-168, 2019.

GIROTO, G. *et al.* Violências contra migrantes haitianos em Maringá/PR: a educação antirracista no combate à xenofobia no sul do Brasil. In: SILVA, E. C. da; PEREIRA, M. J.; NEVES, O. P. (Org.). **Violências interseccionais e resistências**. Maringá, PR: Edições Diálogos, 2021.

GOMES, M. A. Os impactos subjetivos dos fluxos migratórios: os haitianos em Florianópolis (SC). **Psicologia & Sociedade**, v. 29, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i162484>>. Acesso em: 01 set. 2024.

GUILHERME, A. A. *et al.* As haitianas na escola: o peso do passado, a dureza do presente e a esperança no futuro. **Revista Inter-ação**, v. 43, n. 3, p. 770-784, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/ia.v43i3.48953>>. Acesso em: 10 jun. 2024.

HEARLD, K. R. *et al.* Female sex workers' experiences of violence and substance use on the Haitian-Dominican Republic border. **Annals of Global Health**, v. 86, n. 1, p. 105, 2020.

KILOMBA, G. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. **Cadernos de Campo**, v. 29, n. 1, p. 268-277, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i1p268-277>>. Acesso em: 01 ago. 2024.

MATTOS, A. L. **Racismo e xenofobia no Brasil: análise dos instrumentos jurídicos de proteção ao imigrante negro**. Monografia de Graduação em Direito, Universidade Federal de Santa Maria, 2016.

MARTINS-BORGES, L. Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 21, n. 40, p. 151-162, 2013.

MARTINS-BORGES, L. M. *et al.* Inflexões epistemológicas: a etnopsiquiatria. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, p. 249-255, 2019.

MARTINS-BORGES, L.; POCREAU, J. B. Reconhecer a diferença: o desafio da etnopsiquiatria. **Psicologia em Revista**, v. 15, n. 1, p. 232-245, 2009a.

MARTINS-BORGES, L.; POCREAU, Jean-Bernard. A identidade como fator de imunidade psicológica: contribuições da clínica intercultural perante as situações de violência extrema. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 224-236, 2009b. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872009000300016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872009000300016&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 25 out. 2024.

MARTUSCELLI, P. N.; NOVAES, D. T. P. Perfil dos haitianos acolhidos pela Missão Paz: algumas evidências dos dados primários – janeiro a julho de 2015. **Travessia: Revista do Migrante**, n. 77, p. 97-114, 2015. Disponível em: <<https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/74/67>>. Acesso em: 12 set. 2024.

MORAES, I. A. *et al.* A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios. **Revista Conjuntura Austral**, v. 4, n. 20, p. 95-114, 2013.

MORO, Maire-Roso. **Visages de femmes, visages de mères au singulier pluriel**. Paris: Société Psychanalytique de Paris, 2012.

MOTIZUKI, K. R. N. *et al.* Atenção à saúde aos imigrantes haitianos na visão de trabalhadores e gestores em Cuiabá, Mato Grosso. **Revista Eletrônica do Univag**, v. 20, n. 1, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.18312/connectionline.v0i20.122>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

NASCIMENTO, V. N. do. **Reconstruindo uma nova casa: impactos psicológicos da imigração involuntária em mulheres imigrantes residentes na região da Grande Florianópolis**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, SC, 2021.

NICOLAS, G.; THOMPSON, C. E. Racialized violence in the lives of Black people: illustrations from Haiti (Ayiti) and the United States. **American Psychologist**, v. 74, n. 5, p. 587-595, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1037/amp0000453>>. Acesso em: 12 set. 2024.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Revista de Sociologia da USP**, v. 19, n. 1, p. 287-308, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v19n1/a15v19n1.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2024.

PEREIRA, J. A.; ANTÔNIO, J. Refugiados e saúde mental - acolher, compreensão e tratamento. **Psicologia, Saúde e Doenças**, v. 18, n. 1, p. 115-130, 2017.

PÉREZ, A.; NAVARRETE, M.; GIL, M. Necesidades en salud de la población desplazada por conflicto armado en Bogotá. **Revista Española de Saúde Pública**, v. 77, n. 2, p. 257-266, 2003.

QUEIROZ, T. H. M. D. **Refugiados sírios em Fortaleza**. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Ceará, Ceará, CE, 2020. Disponível em: <[http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/55491/1/2020tcc\\_thmdqueiroz.pdf](http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/55491/1/2020tcc_thmdqueiroz.pdf)>. Acesso em: 01 set. 2024.

RODRIGUES, I. A. *et al.* Pandemia de Covid-19 e a saúde dos refugiados no Brasil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, n. 3, 2020.

SILVA, M. L. Racismo no Brasil: questões para psicanalistas brasileiros. In: KON, N. M.; SILVA, M. L. da; ABUD, C. C. (Orgs.). **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 71-89.

SILVA-JÚNIOR, J. N.; BESSET, V. L. Violência e sintoma: o que a psicanálise tem a dizer? **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 22, n. 2, p. 323-336, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1984-02922010000800008>>. Acesso em: 12 set. 2024.

SILVA-FERREIRA, A. V.; NASCIMENTO, V. N.; MARTINS-BORGES, L. A saúde mental de mulheres imigrantes na universidade. **Interação em Psicologia**, v. 26, n. 2, 2022. DOI: <<http://dx.doi.org/10.5380/riep.v26i2.76724>>.

SILVA-FERREIRA, A. V. **Imigração e saúde mental: narrativas de estudantes latino-americanos em uma universidade intercultural**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SIVANANDAN, A. Entrevista concedida a Avery F. Gordon on 'lived theory': an interview with A. Sivanandan. **Race & Class**, v. 55, n. 4, p. 1-7, 2018.

TIJOUX, M. E.; AMBIADO, C. Ser paciente haitiano/a en Chile y vivir el racismo en centros de la red pública de saúde. **Interdisciplinaria**, v. 40, n. 1, p. 363-377, 2023.

VARGEM, A.; MALOMALO, B. A imigração africana contemporânea para o Brasil: entre a violência e o desrespeito aos direitos humanos. In: MALOMALO, B.; BADI, M. K.; FONSECA, D. J. (Orgs.). **Diáspora africana e a imigração da era da globalização: experiências de refúgio, estudo, trabalho**. Curitiba: CRV, 2015. p. 107-123.

WAKO, E. *et al.* Conflict, displacement, and IPV: findings from two Congolese refugee camps in Rwanda. **Violence Against Women**, v. 21, n. 9, p. 1087-1101, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1077801215590669>>. Acesso em: 12 out. de 2024.

WOODING, B.; PETRUZZIELLO, A. J. New challenges for the realization of migrants' rights following the Haiti 2010 earthquake: Haitian women on the borderlands. **Bulletin of Latin American Research**, v. 32, n. 4, p. 407-420, 2013.

ZORTEA, G. B. **Imigrantes haitianos afetados pelo terremoto de 2010: possibilidades de reparação psíquica**. 2023. 207 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

YAN, L. D. *et al.* Neighborhood cohesion and violence in Port-au-Prince, Haiti, and their relationship to stress, depression, and hypertension: findings from the Haiti cardiovascular disease cohort study. **PLOS Global Public Health**, v. 2, n. 7, p. e0000503, 2022.